

Feira livre de Sumé-PB: transformações, ressignificações e dinâmica local/regional

Feria libre de Sumé-PB: transformaciones, resignificaciones y dinámica local/regional

Free street fair of Sumé-PB: transformations, resignifications and local/regional dynamics

Gustavo dos santos Costa

Universidade Federal de Campina Grande
costagustavo632@gmail.com

Lincoln da Silva Diniz

Universidade Federal de Campina Grande
lincoln.ufcg@gmail.com

Resumo

A produção do espaço pelas pessoas, corporações e instituições, em sua natureza, é produto e condição dos novos eventos socioespaciais, estes eventos embora contraditórios e heterogêneos, são pilares da reprodução das relações capitalistas de produção, que é veiculada pela ressignificação das particularidades locais/regionais, como as feiras-livres e outras atividades de mesmo caráter. Neste sentido, o presente artigo se propõe a dialogar sobre o papel socioeconômico das feiras-livres nas pequenas cidades do Nordeste e os impactos sobre elas decorrentes de recentes transformações, tendo como objeto de estudos a feira-livre do município de Sumé, localizada no interior do Estado da Paraíba. Para tanto, apropriou-se de análises teóricas e empíricas e se utilizou de instrumentos metodológicos como: observações in loco, questionários, entrevistas e, conseqüentemente, análises do banco de dados obtido. Além disso foram feitas entrevistas com comerciantes de outros setores do centro tradicional, buscando compreender as principais transformações socioespaciais ocorridas no entorno. Em meio a multiplicidade de resultados obtidos, conseguiu-se estabelecer a relação existente entre a circulação local/regional de capitais após a introdução de agentes suprarregionais, o que contribuiu para compreensão das transformações na feira a partir da relocação do Mercado Público Municipal. Estas ações geraram alterações significativas na dinâmica econômica da referida feira-livre e em seus diversos usos, tendo como destaque sua realocação e o intenso processo de redução dos fluxos. Entretanto, acrescenta-se que a mesma ainda se mantém como importante espaço de socialização e fomento à produção material e simbólica no município.

Palavras-chave: Feira-livre; Urbano-regional; Produção espacial; Cidade pequena; Centro Comercial.

Resumen

La producción del espacio por las personas, corporaciones e instituciones, en su naturaleza, es producto y condición de los nuevos eventos socioespaciales, a su vez contradictorios y heterogêneos, sin embargo pilares de la reproducción de las relaciones capitalistas de producción, transmitida por la resignificación de las particularidades locales/regionales, como las ferias libres y otras actividades del mismo carácter. En este sentido, el presente artículo se propone a dialogar sobre el papel socioeconómico de las ferias libres en las pequeñas ciudades del Nordeste y los impactos sobre ellas derivadas de recientes transformaciones, teniendo como objeto de estudios la feria libre del municipio de Sumé, ubicada en el interior del Estado de Paraíba. Para tanto, nos

apropiamos de análisis teóricos y empíricos, utilizando como instrumentos metodológicos: observaciones *in loco*, cuestionarios, entrevistas y, consecuentemente, análisis del banco de datos obtenido. También se hizo entrevistas con comerciantes de otros sectores del centro tradicional, buscando comprender las principales transformaciones socioespaciales ocurridas en el alrededor. En medio de la multiplicidad de resultados obtenidos, logramos establecer la relación existente entre la circulación local/regional de capitales tras la introducción de agentes suprarregionales, contribuyendo a la comprensión de las transformaciones en la feria a partir de la relocalización del Mercado Público Municipal. Estas acciones generaron cambios significativos en la dinámica económica de dicha feria libre y en sus diversos usos, destacándose por su reubicación y el intenso proceso de reducción de los flujos. Sin embargo, se añade que la misma todavía se mantiene como importante espacio de socialización y fomento a la producción material y simbólica en el municipio. **Palabras clave:** Feria Libre; Urbano-regional; Producción espacial; Ciudad pequeña; Centro Comercial.

Abstract

The production of space by people, corporations and institutions, in their nature, is the product and condition of new socio-spatial events, these events, although contradictory and heterogeneous, they are pillars of the reproduction of capitalist relations of production, which is linked to the re-signification of local/regional particularities such as free-trade street fairs and other activities of the same character. In this sense, the present article proposes to discuss the socio-economic role of the free-trade street fairs in the small cities of the Brazilian Northeast and the impacts of recent transformations on them. The research takes as an object of study the street market of the city of Sumé, located in the interior of the State of Paraíba. For that, it appropriated theoretical and empirical analyzes and used methodological instruments such as: in situ observations, surveys, interviews and, consequently, analyzes of the obtained database. In addition, interviews were conducted with traders from other sectors of the traditional center, seeking to understand the main socio-spatial transformations that occurred in the environment. Although the multiplicity of results obtained, it was possible to establish the relationship between local/regional circulation of capital after the introduction of supra-regional agents, which contributed to understand the transformations of the street market as a result of the relocation of the Municipal Public Market. These actions generated significant changes in the economic dynamics of the mentioned street fair and in its many uses, highlighting its reallocation and the intense process of reduction of flows. However, it is added that it still remains an important space for socialization and promotion of material and symbolic production in the town.

Key-Words: fair-free; Urban-regional; Space production; Small town; Mall.

Introdução

Nos encontramos em uma era marcada pela intensificação da relação global-local, na qual, os impactos dos processos ocorridos em uma macroescala se refletem nas micro-relações cotidianas, tornando impossível realizar uma análise das ações humanas, sem considerar que a subjetividade do homem carrega uma síntese de todas as transformações sociais, políticas e econômicas oriundas desta integração global. Neste sentido, uma porção do espaço, por mais opaca que seja, sintetiza os processos ocorridos na totalidade (SANTOS, 1997).

Assim, o que anteriormente se concebia pela relação recíproca dos antagônicos, *Cidade e Campo*, se transforma, surgindo novos processos que rompem estas dicotomias, hibridizando o que se compreende como inovação com as permanências locais, trazendo consigo a necessidade de repensar a análise espacial mediante uma dialética entre os processos internos e externos, tal como o passado e o presente. Assim, concebendo o espaço presente como um recorte temporal que dilui em si diversos outros períodos passados, bem como recebe influência simultânea de outros recortes espaciais com temporalidades distintas, reproduzindo esta multiplicidades e condicionantes na própria reconstrução humana do espaço (SANTOS, 1988).

Neta perspectiva, é possível observar que as feiras-livres se constituem com uma das formas de comércio mais antigas da história humana. Inicialmente, resumia-se à simples relações de troca entre excedentes de produção pelos próprios produtores - o escambo. Não detendo uma organização socialmente regulamentada, muito menos, espaços específicos, constituindo como eventos periódicos que, por sua vez, ocorriam em determinadas épocas do ano, especificamente, após os períodos de maior densidade pluviométrica quando ocorriam as colheitas. No entanto, com o aprimoramento das técnicas de produção agrícola, das organizações sociais e das necessidades de consumo, ainda no feudalismo, surge e se consolidam as feiras, tal como são no período atual. Entretanto, é a partir da expansão do modo de produção capitalista, como o advento da urbanização, que os espaços destinados às relações comerciais ganharam maior importância, racionalizando suas formas, se desenvolvendo sob outras lógicas de mercado e de acumulação- migrando da acumulação primitiva para capitalista e, posteriormente, flexível.

Em parte, as feiras ainda carregam um certo “primitivismo” em suas formas espaciais que, pode ser visto nitidamente em sua dinâmica: desde a organização – a instalação das armações- até as relações sociais entre os sujeitos – os feirantes e os fregueses. Porém, há um processo de fundição entre os arquétipos das feiras e as atuais tendências autoritárias do mercado, como as técnicas de vendas e as novas formas de crédito. Sendo através destes novos fluxos de capitais, nos referidos institutos, que os mesmos se inseriram na dinâmica capitalista atual, ressignificando suas espacialidades e, conseqüentemente, seu conteúdo, assim, dando novo caráter as feiras-livre na contemporaneidade (SANTOS, 2016).

Tratando das feiras no Nordeste brasileiro, temos como referência mais antiga as feiras de algumas vilas próximas ao litoral, ainda nos primeiros séculos do Brasil Colônia, como: a feira de gado no sítio Capoame, na Bahia. A feira da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana entre outras. Como aponta Dantas (2009), estas feiras, em seu conteúdo, refletiam os próprios meios de produção locais da época e da especificidade de cada localidade. Já que não havia recursos técnicos (tecnosfera) para uma maior integração entre os pequenos

aglomerados que marcam o início da ocupação do território e as importações eram restrita a poucos. Todavia, com a ocupação do interior do território brasileiro e a inserção do país na economia global que, ocorre de modo mais autônomo só em meados do século XX, ocorreram grandes ressignificações na dinâmica das feiras e em importância dessas para as economias locais e regionais.

Sendo assim, a Geografia, tal como as demais ciências humanas e a filosofia devem investigar as transformações supracitadas, projetando-se para além do campo material, cuja objetivo partir da análise das novas simbologias (valores) e da nova lógica de mercado (racionalidade capitalista), agora integrada em escala nacional e supranacional. Associada às velhas práticas sociais, que se encontram imbricadas na cultura popular– como é o caso das feiras-livres no Nordeste brasileiro –, o atual conjunto de valores resulta em novos hábitos e, conseqüentemente, novas espacialidades e formas espaciais que, gradativamente, estão transformando a estrutura pré-existente nas mais diversas escalas.

Portanto, no decorrer do presente texto busca-se compreender como o construto histórico (e socioeconômico) da centralidade local/regional de Sumé, se fundiu com os novos valores e novos fundamentalismos, globais e hegemônicos, transformando o uso e as formas espaciais da feira-livre e de sua importância para a economia local. Do qual, observando a importância da econômica do campo na economia urbana das pequenas cidades, fora identificado um forte processo antagonico, marcado por uma considerável redução dos fluxos e do espaço ocupado pela feira, referência no escoamento da produção agrícola e pecuária da localidade, ao passo que o centro comercial, composto, especialmente, pelas formas comerciais contemporâneas, obtiveram expansão.

ESPAÇO, REGIÃO E FORMAS ESPACIAIS

O conceito de espaço, assim como, a categoria de análise, são fundamentais para a sistematização e compreensão dos fenômenos e processos ocorridos no espaço geográfico, este último compreendido como o pressuposto base para realização dos fenômenos sociais e naturais. Assim, seu aprimoramento possibilita estudos, investigações e análises mais próximas da realidade concreta. Contudo, o conceito de espaço na Geografia nunca foi estático, pelo contrário, passou por diversas transformações acompanhando a evoluções do pensamento científico e geográfico no contexto global – Europeu/Ocidental. Porém, as maiores contribuições e transformações se deram no último século.

Segundo Moraes (1998), até a metade do século XX, os profissionais da geografia e o próprio pensamento geográfico estavam submetidos às determinações e intencionalidades do Estado-nação, constituindo-se como instrumento político e técnico do mesmo. Desse modo, mesmo

com algumas alterações metodológicas ao longo do desenvolvimento da ciência geográfica, poucos foram os pensadores e as correntes que buscaram romper com as intencionalidades e parcialidades de seus estudos, estando presentes de forma mais evidente na geografia clássica e em correntes positivistas e neo-positivistas, à vista disso, distanciaram-se da realidade e da reflexão sobre os eventos ocorridos no espaço, produzindo equívocos e más interpretações.

Contudo, diante da inserção da lógica matemática, neo-positivista, na Geografia, surge, em contra partida, uma vertente crítica fundamentada no pensamento de Karl Marx que, por sua vez, vai de encontro ao pensamento geográfico até então construído. Trata-se de uma renovação epistemológica, portanto, a vanguarda desse processo renovador propõe:

[...] além de um questionamento puramente acadêmico do pensamento tradicional, buscando as raízes sociais. Ao nível acadêmico, criticam o empirismo exacerbado da Geografia Tradicional, que manteve análises presas ao mundo aparências, e todas as outras decorrências da fundamentação positivista. (MORAES, 1994, p. 112-113).

A Geografia Crítica, salvo as diversas ressalvas necessárias, apresentou avanços à ciência geográfica, dando-lhe habilidade explicativa, mediante a inserção do método materialismo-histórico-dialético defendido pelos pensadores marxistas. Assim, projetou-se para identificação e análise de questões sociais decorrentes do modo de produção capitalista. Diferenciando-se pela introdução do conceito de espaço na teoria social crítica. Para tanto, ressignificou a compreensão do espaço geográfico dando a ele o caráter temporal –historicista-, fundamentando as críticas referente a estrutura do Estado e ao papel da burguesia na intensificação das disparidades sociais.

Está corrente passou por diversas transformações, tendo sua mutação como um processo dialético, do qual rompeu com diversas limitações e, simultaneamente, conservou e inseriu diversas outras, como o pragmatismo e a fragmentação do seu pensamento. Por outro lado, é vista aqui como a mais adequada para compreender os novos eventos desenvolvidas nas e pela as feiras-livres do interior nordestino, tanto pelo como método como pela sua contribuição à renovação dos conceitos aqui tratados.

De acordo com Harvey (2005), após a expansão do modo produção capitalista, a produção do espaço ganha novos moldes, resultantes das contradições embutidas nesta nova lógica de acumulação, atualmente neoliberal, sustentando-se, cada vez mais, na “concentração dos lucros e na socialização dos riscos”, materializados na divisão espacial do trabalho. Segundo Moreira (1982), no mundo capitalista, o espaço geográfico torna-se uma massa de manobra a ser manipulada conforme interesses de pequenos grupos, não obstante hegemônicos, se transformando no maior dos obstáculos da geografia e da análise geográfica na atualidade.

Nesta perspectiva, como pensar as relações comerciais, ou melhor, como pensar o comércio tradicional e suas espacialidades e ou influências regionais, numa sociedade e num espaço geográfico ditado pelas normas globais do capital? Segundo Santos (1997), as ações autoritárias são hegemônicas e heterogêneas. Entretanto, em sua natureza, seguem uma racionalidade, na qual impõe constantemente transformações, estas, por sua vez, resultam na justaposição das formas espaciais que ofereçam alguma resistência.

Segundo Lefebvre (2001) o espaço é o pressuposto base para a reprodução das relações de produção na sociedade contemporânea, destacando que as transformações realizadas no espaço geográfico, a partir do uso, são recheadas de símbolos e intencionalidades do modo de produção capitalista, na qual, acima de tudo contribuem para a reprodução dessas intencionalidades. Em síntese, as ações cotidianas, como o trabalho, simples ou complexo, reproduzem as intencionalidades capitalistas, dessa forma, a produção do espaço tida como uso cotidiano das formas espaciais carregam consigo a hegemonia e os interesses do capital.

De acordo com Diniz (2011, p. 20), “[...] reunidas na cidade (os valores de consumo mínimos para a existência dos mercadores) somadas aos avanços técnicos dos sistemas de comunicação e transportes impulsionaram o crescimento das transações comerciais numa escala ainda maior [...], pois o mercado deixa de ser apenas uma prática local”. Assim, o comércio desenvolve formas espaciais que contribuem indispensavelmente para a economia da pequena cidade e até determinam a dinâmica da mesma através das formas de trabalho que o mesmo desencadeia.

Segundo Corrêa (2010, p. 35-44), o espaço assim como as formas espaciais, são produzidos através das práticas espaciais, tais práticas são definidas por ele como “um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações”. Todavia, elas são resultantes da “[...] consciência que os [sujeitos] tem da diferenciação espacial”, por sua vez, culturalmente construída. O referido autor destaca a reprodução da produção regional como um dos principais elementos da prática espacial, tanto uma reprodução de valores quanto a reprodução das técnicas, dos meios de produção e da circulação regional destes capitais.

A partir das contribuições vistas acima, percebemos que são a partir relações de trabalho que se desenvolvem as modificações no espaço. Atualmente, podemos apontar outras atividades que possam surtir efeitos semelhantes além do trabalho como: o lazer e o consumo do espaço, entretanto, não são tão significativos quanto. Portanto, nesse momento nos deteremos a concepção de trabalho como principal meio de transformação e funcionalidade dos espaços. Nesta mesma perspectiva, Santos aponta que: “O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão

uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis por que sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho”. (SANTOS, 1988, p. 10)

As formas comerciais, [assim como a produção espacial] são antes de mais nada, formas sociais; são as relações sociais que produzem as formas que, ao mesmo tempo, ensejam relações sociais (PINTAUDI, 1999, p. 145). A mesma aponta que as formas espaciais não são ações, mesmo que locais, independentes ou isolados. Sendo assim, nota-se que no caso da produção espacial através das feiras-livres, a reprodução dos valores e elementos regionais ainda é uma forte característica de sua dinâmica. Resultando, além de uma integração econômica e mercantil, a (re)produção dos patrimônios culturais materiais e imateriais, por vez, princípio de sua caracterizando, singularizando sua dinâmica comercial e suas formas espaciais, distinguindo-se das demais formas comerciais.

Contudo, não podemos esquecer o fenômeno da metropolização que, de acordo com alguns pensadores, extrapola a hierarquia urbana convencional. Tal fenômeno implica na internacionalização dos valores. De acordo com Hissa (2009), os valores são a única coisa que efetivamente podem alcançar a totalidade, todavia, nenhum processo ou fenômeno alcança um espaço por completo. O processo de metropolização cultural, econômico e mercantil, gera a reprodução dos valores hegemônicos embutidos no fetichismo das mercadorias, um dos responsáveis pelo intenso hibridismo entre os valores hegemônicos e os valores locais/regionais; materializando-se nas relações sociais, conseqüentemente, nas formas espaciais.

O centro comercial e a feira local

O interior do Nordeste brasileiro, até as últimas quatro décadas era composto por pequenos pontos de aglomeração ou localidades centrais que ofereciam uma considerável centralidade, assim eram tidos como verdadeiros “corações” para o seu entorno em virtude da concentração de comércios e serviços. Sendo fundamentais para o desenvolvimento regional, a partir das funções que eram dadas as referidas localidades circunvizinhas. No entanto, o setor terciário se resumia aos comércios de pequena dimensão, como as bodegas que vendiam alguns poucos utensílios e mercadorias do gênero alimentício, e os serviços não perpassavam da prestação de alguns poucos serviços básicos como ferreiros, marceneiros e sapateiros. Seu arranjo espacial era reflexão do próprio contexto local/regional, caracterizado pelo baixo nível técnico.

Assim como aponta Diniz (2011), o pequeno comércio e suas espacialidades não são responsáveis apenas por inserir funções a pequenas localidades, mas por terem sido fundamentais para o surgimento destes aglomerados.

A bodega, comércio típico da região Nordeste do Brasil, constitui um objeto do pequeno comércio muito antigo na história de várias cidades, povoados, comunidades rurais, sítios da região nordestina, este remonta desde a origem de muitos povoados que iam surgindo e se formando ao longo das estradas [...] (DINIZ, 2011, p.15),

Contextualizando as considerações anteriores, a própria Vila de São Tomé¹, surgiu assim como diversas outras cidades do Nordeste, através da prestação de alguns serviços e do comércio de poucas mercadorias do gênero alimentício. Contudo, houve também a contribuição da própria localização geográfica da cidade que até os dias atuais destaca o município. Em virtude da ausência de infraestrutura: vias de acesso e consolidação distribuição da produção local, a Feira livre de Sumé assumiu grande importância para a economia e para o abastecimento das necessidades de consumo da população local.

As bodegas, como formas espaciais fixas, apenas comercializavam as mercadorias mais simples que, por sua vez, eram mais populares e possuíam maior demanda. As mercadorias mais sofisticadas eram encontradas apenas nos dias de feira, assim como os excedentes da produção local. Conforme aponta (DINIZ, 2011, p. 15): As feiras, espaços de trocas, do livre comércio, das praças de escambos, reuniam diversos negócios e concentravam grande parte da produção regional, realizando assim o abastecimento das populações que viviam nos povoados, vilas e campos.

Diniz (2011) traz para reflexão a importância do pequeno comércio para as pequenas cidades do interior, no qual, elas atuaram de forma mais abrangente e duradoura, articulando pequenas regiões que eram constituídas por uma localidade central, relativamente maior, cercado por pequenas vilas e pela zona rural das cidades circunvizinhas. Tornando-se elemento fundamental para compreender a dinâmica e o desenvolvimento das cidades do interior nordestino.

As pequenas cidades do Nordeste brasileiro são constituídas de diversos processos e fenômenos particulares, sendo caracterizada, principalmente, pela relação cidade-campo e pela dependência aos aposentados e pensionistas (Andrade, 2011). De acordo com a mesma, este tipo de cidade ainda é carente de estudos e pesquisas, tornando-se uma alternativa um pouco audaciosa de investigação, em virtude da falta de informação e até de método mais adequado. É a partir da relação econômica entre os meios de produção situados na zona rural e a concentração do setor terciário, exclusivamente, no urbano que irão nortear a compreensão das mesmas, pois estão

¹ A antiga vila de São Tomé, foi a aglomeração que atualmente compreende-se pelos Município de Sumé, o nome da vila foi alterando ainda na década de 1940. Encontrar mais informações In: Silva, S. J. Das coisas que me precederam...: Histórias da cidade de Sumé. João Pessoa: EDUFPPB, 2011.

dialeticamente imbricados, formando uma totalidade a partir da interação entre a cidade e o campo. Contudo, é necessário compreender a subordinação do primeiro ao segundo.

Por outro lado, conforme já foi exposto nos tópicos anteriores, o atual momento no qual estamos inseridos é caracterizado pela integração mundial, onde todas as porções da terra estão conectadas através dos recursos do meio “técnico-científico-informacional”². Segundo Santos (2000), o atual momento em que vivemos é único, pois até então nunca havíamos neste planeta chegado tão próximos da consolidação de uma “aldeia Global”³, marcada por uma nova consciência.

Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. (SANTOS, 2000, p. 24)

Por sua vez, as cidades serão os principais espaços a reproduzir a lógica das políticas de mercado que sustentam a Globalização, sendo assim, as ressignificações dos valores urbanos possuem grande influência na dinâmica da totalidade. As pequenas localidades não conseguem fugir das atuais normas do mercado, assim reproduzindo parte dos processos que outrora ocorreram apenas nas esferas de maior dimensão, no entanto, com outras morfologias. Um desses processos é a ressignificação dos Centros urbanos e a submissão desses espaços aos processos hegemônicos, implicando em “homogeneizações”. Referindo uma a reprodução de uma tendência, contudo não produz igualdades, pelo contrário, diferencia ainda o arranjo espacial.

Segundo Lefebvre (2001), o espaço urbano não passa de uma produção simbólica, a cidade existe materialmente, porém, apenas como um pressuposto para existência do espaço enquanto ideologia, referindo-se há uma relação dialética entre o material e o imaterial, um necessita do outro para existir. Conforme o mesmo aponta, essa ideologia já faz parte da consciência do homem moderno/homem urbano – mesmo que não esteja nas áreas urbanas. Portanto, se encontra em todas as localidades, mas não de modo totalizante, e sim predominante.

As cidades interioranas eram compreendidas como os corações das pequenas regiões de influência, em virtude do processo de urbanização nesse caso caracterizado pelo êxodo rural e pelo retorno de imigrantes. As novas práticas espaciais implicaram na seletividade dos espaços urbanos, dessa forma, o todo deixa de ser o foco, assim apenas os espaços selecionados que se tornam

² O termo refere-se à definição do atual contexto de globalização das técnicas em virtude da circulação mais rápida de informação. Mais informações In: SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

³ A ideia da existência de uma aldeia-global é discordada por Milton Santos, em virtude dos espaços que ainda não reproduziram a lógica da globalização.

interessantes. Por sua vez, estes espaços estão situados nos centros urbanos -as áreas comerciais- onde encontram-se bancos, casas lotéricas, cartórios, supermercados, farmácias, clínicas médicas entre outros, bem como os serviços públicos como correios, prefeituras, hospitais, postos de saúde e igrejas.

De acordo com Harvey (1980), a cidade, independente do seu tamanho, irá incorporar e reproduzir os fenômenos ocorridos em maiores escalas, em virtude da lógica da reprodução de Capital e da extração da mais-valia. Assim, a partir da distribuição dos meios e das etapas de produção internos ou externos a cidade, criam-se desigualdades no acesso, na forma e no consumo do espaço urbano.

Lemos (1992), chama a atenção para os centros comerciais tratando-os como super-espaços, em decorrência da grande concentração de elementos, que dão vida e funcionalidade as cidades, em um curto espaço e tempo. Compreendendo esse fenômeno urbano na perspectiva de Lefebvre (2001) como compressão espaço-tempo, mas sua consideração busca ir além da concentração material das funções, pois os centros urbanos possuem, em especial, a concentração dos símbolos, significados e espacialidades. Tal concentração está associada à centralização dos dispositivos finais do processo de extração da mais-valia (o setor terciário) que, no que lhe concerne, não deixa de apresentar as contradições do capital, a realidade dos territórios marginalizados.

Em meio a esse ambiente, hoje, heterogêneo, contraditório e competitivo, se encontram as feiras-livres que, ocorrem, em sua maioria, uma vez por semana estabelecendo a cada evento uma nova dinâmica para a cidade. As feiras-livres ainda são o principal meio de integração entre a população e produção local, no caso de Sumé, majoritariamente agrícola, mas que ainda integra não só a produção como também a população, aumentando o fluxo não só de mercadorias como também de pessoas. No entanto, as feiras, assim como os centros comerciais das pequenas cidades, estão perpassando intensas ressignificações.

As espacialidades heterogêneas das áreas comerciais fazem parte da própria natureza do comércio no modo de produção capitalista, pois buscando intensificar a concentração do setor terciário e de serviços, os centros urbanos adotaram “a regra absoluta, [que era] a de atrair o máximo de clientes, os de maior rendimento possível, e vender-lhes o máximo” (BEAUJEU-GARNIER (1997, p. 211), assumindo, assim, todas as contradições inerentes ao processo de centralização. Desse modo, surgiram diversas inovações que procuravam estimular o consumo e os fluxos nessas áreas, assim desenvolvendo, gradativamente, a saturação e, conseqüentemente, a ressignificação dos centros comerciais.

Por outro lado, a saturação dos centros comerciais, contradição das próprias imposições do modo de produção capitalista, estão surgindo para justificar novas exclusões e os novos processos de higienização das cidades. Assim, atualmente, em espacial, os espaços públicos estão sendo submetidos à nova lógica de mercado e se tornando espaços destinados apenas para a contemplação do consumo, dentro dos novos moldes do consumo. Entretanto, nenhum processo ou fenômeno é totalizante, havendo ilhas de resistência -ou “territorialidades de resistência”-, como as atividades comerciais tradicionais. Assim, observamos a existência de um novo hibridismo cultural⁴, no qual, se materializa na paisagem urbana, porém, não implicam extinção dos valores tradicionais, pelo contrário, podem até fortalecer, mas sem dúvida se fundirão surgindo novas-velhas espacialidades.

Buscando dialogar com os inúmeros processos que atuam nas pequenas cidades e nas paisagens dos centros urbanos e das feiras-livres, enfatizamos o trabalho como o principal elemento. Portanto, como nos mostra Santos (1988), o trabalho é o principal, se não o único, mecanismo de transformação do espaço que, por sua vez, está inserido de diversas formas no espaço, neste sentido (SANTOS, 1988, p. 26) aponta que:

O movimento das pessoas corresponde à etapa da produção que está se dando naquele momento. Todos são produtores – o operário, o artista de teatro, o vendedor de supermercado, o intelectual, o motorista de táxi etc., mesmo quem não está diretamente no processo de produção, já que também consome. É a maneira com que se dá a produção, e o intercâmbio entre os homens que dá um aspecto à paisagem. O trabalho morto (acumulado) e a vida se dão juntos, mas de maneiras diferentes. O trabalho morto seria a paisagem. O espaço seria o conjunto do trabalho morto (formas geográficas) e do trabalho vivo (o contexto social).

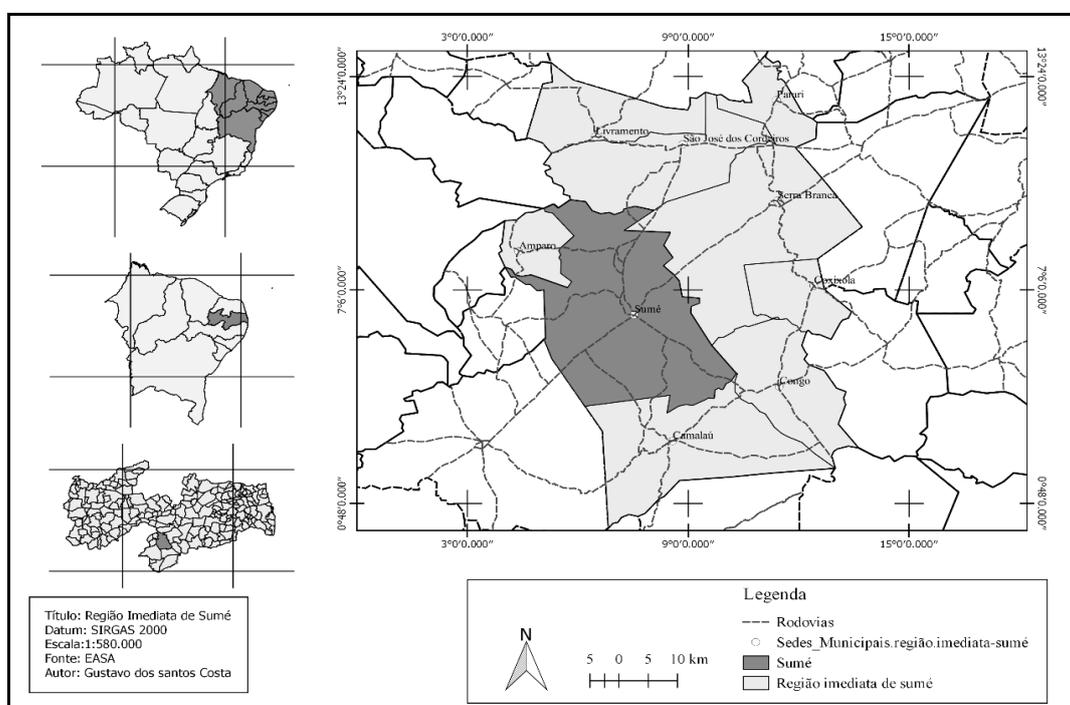
O trabalho acumulado ou morto vem a ser o que o próprio Milton Santos chama de Fixos e o trabalho vivo são os fluxos. O primeiro corresponde há o que já existe de material no espaço, construído e consolidado, por outro lado, os fluxos são o movimento e a circulação de mercadorias, capitais e pessoas dando funcionalidade aos fixos, que por si só não passariam de rugosidades sem função. Os centros comerciais são compostos por estes fixos, mas só ganham expressões através dos diferentes modos de circulação de capital, nas pequenas cidades podemos observar a que está circulação se intensifica nos dias de feira, possibilitando o surgimento de novos fixos e transformando as velhas rugosidades.

⁴ O termo faz referência à ideia de que as culturas não estão se dissolvendo com a globalização, pelo contrário, se fortalecem ao mesmo tempo em que se fundem com outras novas. Mais informações In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA, 2012.

Resultados e discussões

A importância Local/Regional na Feira-livre de Sumé

De acordo com o novo sistema de regionalização utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que por sua vez está fundamentado em algumas concepções rede urbana, influência das cidades e planejamento regional. Foi lançado um novo Mapa geográfico desta regionalização no estado da Paraíba dividindo o mesmo em regiões intermediárias, com três regiões e em regiões imediatas, com quinze regiões. A primeira divisão identifica a circulação interna entorno dos maiores polos do território estadual, por sua vez, atraindo maiores fluxos de pessoas e capitais. A segunda divisão, cujo o nome já esclarece um pouco seu objetivo, busca identificar as regiões de fluxos curtos e mais intensos, abrangendo as migrações perpendiculares e o contato mais imediato entre as cidades. Neste último caso, pode-se identificar, de acordo com IBGE (2017), a região imediata de Sumé, que pode ser visualizada no mapa a baixo.



Mapa 1: Região imediata de Sumé-PB

Fonte: Costa (2017)

A partir do mapa exposto é possível observar a influência que o município de Sumé exerce ao seu entorno, ao mesmo tempo que depende desta influência e dos fluxos para manter e até ampliar sua base material. No caso da Feira Municipal esta influência também pode ser identificada, pois a mesma se apropria dos fluxos desta rede, sendo possível observar que ela tenha surgido e se ampliando ao longo do desenvolvimento desta rede, ao passo que a influência cresceu, a cidade, tal como a feira-livre, também cresceram –apesar que há algumas inversões nas últimas duas décadas.

Atualmente, de acordo com dados recentes da coordenação do Mercado Público Municipal, o respectivo objeto de estudo é composto por 251 empreendimentos (como pode ser visto no gráfico 1), um total de aproximadamente 630 feirantes se levarmos em consideração que por empreendimento há uma média de 2,5 pessoas diretamente envolvidas (subempregadas). Porém, não havia informações sobre o perfil dos mesmos, tornando-se necessário para a concretização das análises sobre o objeto a aplicação de questionários.

Foram aplicados questionários à um total de 30 micro-empresendimentos (correspondente a 11,95% da totalidade dos empreendimentos), coloquialmente chamados de barracas, e 30 consumidores. Desse modo, os dados obtidos foram indispensáveis realizar algumas análises e compreender a atual dinâmica do referido espaço, tendo como base sua apuração qualitativa.

Distribuição dos micro-empresendimentos da Feira de Sumé	
Mercadoria	Quantidade
Produtos Importados	21
Frutas, Verduras e Cereais	100
Alimentação e Bares	25
Carnes e Vísceras	52
Confecções	34
Temperos e fumo	7
Outros	12
Total	251

Tabela 1: Distribuição dos micro-empresendimentos da Feira de Municipal de Sumé

Fonte: Direção do Mercado Público Municipal de Sumé

Assim como já fora citado neste trabalho, as feiras-livres do Nordeste se constituem com um dos principais mecanismos de distribuição da produção local e regional, majoritariamente oriunda do campo, tornando-se de suma importância para a dinamização econômica das pequenas localidades. Tratando, especificamente, da Feira livre de Sumé, percebemos sua função na sistematização e concentração de parte desta produção, dependendo do excedente de produção, parte permanece na localidade para abastecimento da própria população e a outra parte escoada para outras localidades pelo próprio trabalho itinerante os feirantes. Na apuração dos dados foi constatado que a mesma estabelece econômicas com os municípios circunvizinhos como Serra Branca, Camalaú, Coxixola, Amparo, Prata, Congo, Monteiro e até de outros estados do Nordeste, como Pernambuco e Ceará, como pode ser visto no gráfico 1.

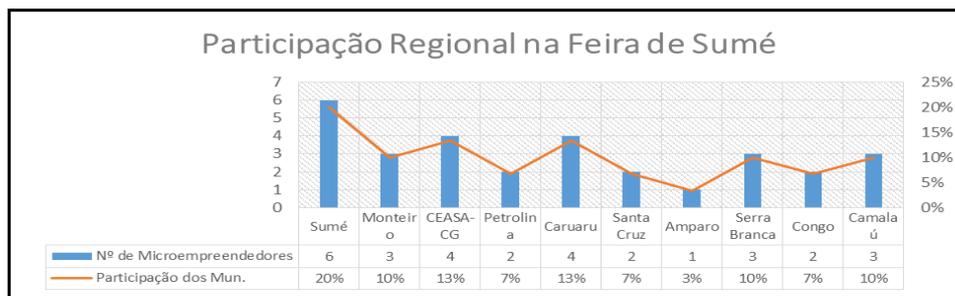


Gráfico 1: Participação regional na Feira Municipal de Sumé-PB.

Fonte: Costa (2017)

Como pode ser visto no gráfico anterior, a Feira de Sumé não é importante apenas para economia local e, sim para todo o seu entorno. Pois como pode ser visto nos dados obtidos, apenas 20% das mercadorias que chegam na feira são produzidas no Município, a maior parte das mercadorias são escoadas das cidades de influência direta do município. Entretanto, tal centralidade não corresponde apenas aos consumidores interessados na feira, pelo contrário, o dia de feira é caracterizado pelo maior número de fluxos para diversas finalidades e em diversos setores e serviços, públicos e privados.

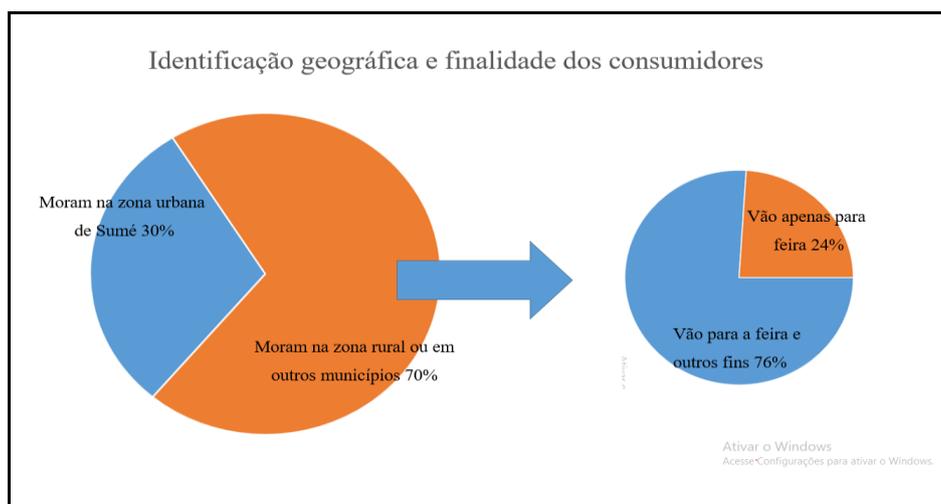


Gráfico 2: Identificação geográfica e a finalidade dos deslocamentos dos consumidores

Fonte: Próprio autor.

Uma considerável parcela destes fluxos é composta por pessoas que não residem na zona urbana ou mesmo no Município de Sumé (como pode ser visto no gráfico 2), entretanto, encontram no dia de execução da Feira Municipal maiores facilidades de acesso à cidade, como transportes alternativos: Vans, Ônibus e Pau-de-arara. Dessa forma, intensificam o fluxo no centro tradicional da cidade aumentando o consumo nos diversos setores do mercado, assim alterando, temporariamente, toda a dinâmica local.

Tal como está exposto pelo último gráfico, 70% (setenta por cento) dos consumidores que participaram da pesquisa afirmam não residirem na zona urbana de Sumé e 76% (setenta e seis por cento) destas pessoas afirmaram se deslocar nos dias de feira com diversos objetivos que iam além de fazer compras na referida feira. Em uma conversa não-formal com um consumidor que estava na feira, perguntei se ele preferia vir a cidade nos dias de feira, logo, ele me respondeu que sim, pois, segundo o mesmo, nas segundas-feiras (dia em que a cidade cede a Feira-Municipal) todos os comércios e serviços estão abertos o dia todo, não fecham para almoço e acima de tudo dão preferência as pessoas que assim como ele, não moram a cidade.

Por outro lado, também foi identificado que dos 30 micro-empresendimentos que responderam os questionários, 21 são de pessoas residentes em Sumé, ou seja, cerca de 70% (setenta por cento) dos empregos ofertados diretamente na feira-livre são ocupados por pessoas do município. De acordo com os mesmos resultados, 30% (trinta por cento) das pessoas que hoje trabalham a feira se inseriram no referido espaço em virtude da falta de emprego ou de melhores oportunidades de trabalho. Nesta perspectiva é possível perceber que em virtude da mencionada concentração de fluxos e consumo que é promovida pela Feira municipal, surgem diversas ofertas de emprego que são de suma importância para circulação de capital dentro do próprio município e entre as localidades circunvizinhas.

A relação da Feira de Sumé com a identidade Local/Regional

Assim como aponta Corrêa (1996), as feiras livres do Nordeste brasileiro se constituem como uma forma de comércio bastante distinta das feiras tradicionais de Portugal e de outras localidades do Brasil. De acordo com o mesmo, as feiras do Nordeste carregam e, simultaneamente, fortalecem a cultura do sujeito nordestino, assim reproduzindo estas especificidades também em sua espacialização. Sua colocação contribui para elucidar um pouco sobre o caráter local/regional das feiras “nordestinizadas”.



Gráfico 3: Fatores que influenciaram o surgimento dos micro-empresendimentos.

Fonte: Próprio autor

É interessante observar que 53% (cinquenta e três por cento) dos feirantes se inseriram na feira por influência da família (como pode ser visto no gráfico a cima), que muitas vezes se constitui como uma família tradicional de feirantes, tal como veremos nos dados obtidos com os consumidores já que 40% (quarenta por cento) dos consumidores que responderam os questionários afirmaram frequentar a feira por influência da família. Então, pode-se observar que a feira-livre supracitada ainda sofre uma forte manutenção da própria cultura local que mesmo atingia por grandes transformações, busca conservar algumas práticas locais.

No caso da Feira de Sumé, facilmente podemos perceber seu caráter regional, mantendo uma heterogeneidade em seu arranjo espacial: formas, temporalidades e mercadorias que compõem espaço da respectiva feira e, que marcaram sua existência interior do Nordeste. Por outro lado, as feiras livres, assim como a demais formas de comércio, perpassam por um intenso de processo de modernização técnica e, conseqüentemente, de ressignificação em virtude dos novos meios técnicos, das novas racionalidades e dos valores que circundam todas as esferas comércio em uma sociedade dita capitalista. De fato, atualmente, as paisagens da supracitada feira são marcadas pelo processo de hibridização cultural, onde as características mais locais se fundem na dialética entre o novo e o tradicional, como é representada na imagem 1.

Nos últimos anos a referida feira foi marcada pela introdução das novas técnicas aplicadas ao comércio em varejo como: balanças eletrônicas, embaladores a vácuo, ambientes higienizados, espaço climatizado entre outras. Tais transformações resultaram em novas paisagens de consumo, no entanto, as feiras ainda se constituem como formas do pequeno comércio tradicional, assim caracterizadas pelo capital de curta circulação e mão-de-obra abundante. Dessa forma, não são capazes de oferecer longos prazos e ainda possuem pouco amadurecendo em relação às novas formas de crédito, por isso, assim como segue no gráfico 3, a baixo, identificamos que 52% (cinquenta e dois por cento) dos micro-empresendimentos aceitam somente o dinheiro em espécie e apenas 8% (oito por cento) de todos que participaram afirmam já utilizarem maquinas e aceitam cartões de crédito.



Imagem 1: A junção entre as novas e as velhas técnicas

Fonte: Augusto JR (2017)

Tais resultados também chamam atenção para a permanência da prática do fiado, que se constitui como a principal forma de crédito do pequeno comércio tradicional. Tal como aponta Dantas (2009), atualmente, o fiado é um dos aspectos mais característicos e particular das feiras do Nordeste. A prática do fiado é um dos maiores responsáveis pela criação de redes entre os feirantes e seus “fregueses”, conseqüentemente, contribuindo para a conservação do hábito de frequentar e consumir nas feiras-livres.

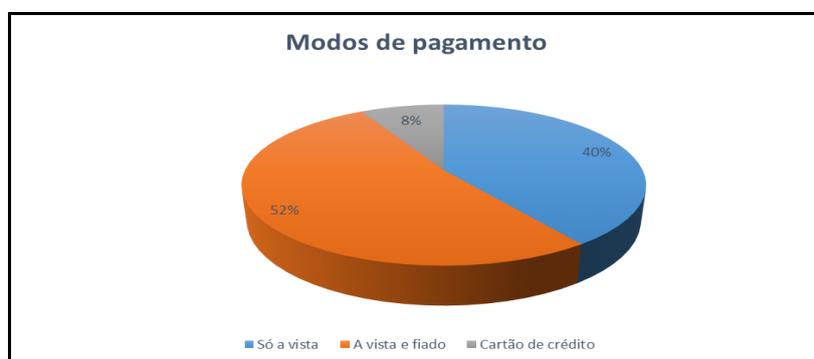


Gráfico 5: Os Modos de Pagamento

Fonte: COSTA, Gustavo.

Tratando-se da Feira de Sumé, pode-se compreender através de alguns relatos que a prática do fiado acompanha todo o processo de circulação da mercadoria, desde o produtor que vende suas mercadorias para o feirante ou intermediador até o consumidor final, que em alguns casos também se utiliza o fiado. Dessa forma, cria-se uma rede de dependência que, especialmente, forma-se uma região na qual se une com toda a influência regional da cidade.

A Dinâmica do Centro Comercial e a Relocação da Feira Central.

Tendo em vista os múltiplos agentes e fatores responsáveis pela produção do espaço urbano, observa-se como a circulação de pessoas e capitais em escala local/regional resultou na diversidade morfológica de seu arranjo espacial. Em sua natureza, trata-se da produção de formas espaciais capazes de estruturar as diversas intencionalidade que caracterizam cada temporalidade distinta, assim estruturando as transformações sociais e políticas – em sua maioria, de interesse hegemônico. Estes fluxos se materializam em formas espaciais concretas que, ao longo do tempo, se acumulam ou se justapõe, hibridizando o arranjo espacial, tornando-o, cada vez mais, peculiar.

Atualmente, tais relações sociais se destacam pelo surgimento e manutenção de novas próteses materiais características dos valores capitalistas capitalismo, como os supermercados, lojas calçadistas, bancos entre outros serviços. Fundamentais para reprodução das relações de produção. Contudo, a produção destas formas não segue uma alocação aleatória, pelo contrário, seguem padrão de agrupamento, cada qual se instalando o mais próximo possível de onde a circulação de capital de capital se concentra. Dessa forma, possibilitam a mutação funcional das localidades, transformando essas áreas em reais ambientes comerciais.

Tratando-se do caso de Sumé, pode-se constatar que os fluxos de capitais tomaram maior corpo a partir de 1950, quando o município foi emancipado e um novo mercado público municipal fora construído em frente a BR-412, recebendo o nome de Av. 1º de Abril, o principal eixo dinamizador da cidade. Após a construção do novo mercado houve a proliferação de políticas higienistas e de controle de qualidade, além da na circulação das mercadorias que, em virtude da própria localização geográfica e do acesso à cidade, contribuiu para que se desenvolvesse de modo rápido. Assim, logo na década de 1980, tornou-se um dos principais centros de comércio e serviços do Cariri Paraibano.

A circulação regional de capitais promovida pelo trabalho e pelo consumo na Feira Municipal de Sumé foi responsável por criar condições materiais e simbólicas para o desenvolvimento de outras formas comerciais no entorno da feira que, ao inverso da periodicidade da feira-livre, possuem estrutura permanente. Neste sentido, constata-se que as modalidades de comércio que compõe o centro comercial se expandiram pelas ruas adjacentes a feira-livre e pelas vias localizadas entre o ponto de parada dos transportes alternativos e o mercado público- como pode ser visto no Mapa 2.

afirmaram que após a relocação do mercado e, conseqüentemente, de toda a feira, a maior parte dos impactos foram negativos para as atividades dos mesmos, assim, apenas 20% dos feirantes indagados afirmaram ter melhoras após a relocação. Entretanto, quando os consumidores foram indagados sobre a relocação da feira, como pode-se ver no gráfico 4, tivemos respostas totalmente inversas. Com o argumento de que o atual espaço é bem mais confortável, em virtude da limpeza, da climatização e da cobertura, 73% dos consumidores afirmaram que o atual mercado se apresenta muito mais interessante para a realização das compras semanais.

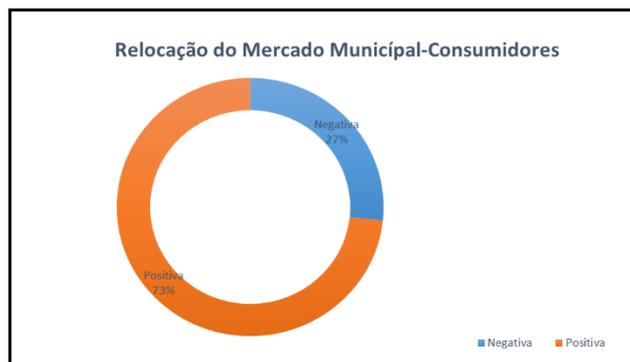


Gráfico 6: Relocação do Mercado Municipal – Consumidores.

Fonte: COSTA, Gustavo.

Na última entrevista realizada, esta desenvolvida com um comerciante local, o Sr. Pedro, ouvi uma versão bastante interessante sobre a nova configuração da circulação dos capitais na cidade após a relocação do mercado público, quando perguntei o que ele pensava sobre a relocação do mercado, ele me respondeu o seguinte:

Não é a primeira vez que me perguntam o que acho sobre a relocação do mercado público, eu não achei ruim, como cidadão não, por quê todo mundo percebe que o comercio local se expandiu depois da transferência do mercado. Antigamente, todo o dinheiro do pessoal que vinha de fora ficava ali na feira, agora não, muita gente vem para cá no dia da feira, mas não vão nem lá ficam aqui pelo centro mesmo. Mas a cidade também cresce com isso, todos os comércios ganham com isso.

A contribuição do entrevistado indica certa conotação positiva da relocação da Feira de Sumé, se assim como ele, ignorarmos o fato de que as novas formas de comércio que atualmente povoam o centro tradicional obedecem uma outra rede de circulação e interação socioeconômica, representam pela subordinação à grandes monopólios, descalcificam a rede de articulações regionais que a feira-livre desenvolvia.

Na Feira local há uma ação recíproca, onde boa parte das pessoas produzia e vendia para os feirantes, posteriormente, retornavam à feira, e comprova tudo aquilo que precisam. Já com as novas formas comerciais isso não ocorre. Desse modo, apenas um lado se beneficia, quebrando o equilíbrio e, conseqüentemente, alterando a dinâmica econômica.

Considerações finais

Em virtude da acumulação dos avanços técnicos e informacionais no Cariri Paraibano, mais precisamente, no entorno do Município de Sumé, verificamos uma reconfiguração da dinâmica local/regional. No qual, são responsáveis pelo surgimento de diversos e novos processos em todo setor terciário que, apesar da multiplicidade de fatores, caminham em uma mesma direção, a consolidação do espaço como receptáculo, passivo, dos interesses do modo de produção capitalista.

Pôde-se constatar que mesmo tratando-se de uma pequena cidade no interior do Nordeste, a sua função regional e a própria hierarquia urbana foram afetados por diversas transformações oriundas da inserção da lógica global embutida nas formas espaciais contemporâneas. Sendo comumente observado no espaço urbano e na respectiva feira. Ao analisar o progresso econômico da feira após meados da década de 1960, fora identificado uma influência regional de mesoescala (Sertão) muito forte. Contudo, atualmente, quando observamos o processo de decadência das feiras livres, essas influências, assim como as tendências de consumo, chegam a ultrapassar a fronteira nacional. Nesse sentido, nota-se a presença de uma expansão espacial da influência regional, contudo, a antiga não se dissolve, apenas buscam se complementar, já que o processo é irreversível.

Com a expansão da malha rodoviária no interior paraibano, acompanhada pela expansão das redes de supermercados, diversas filiais e firmas, nota-se que na referida cidade há a presença de um relativo processo de heterogeneização das formas comerciais, desenvolvendo o decréscimo do pequeno comércio tradicional. Por sua vez, mantido com apoio do poder público na racionalização das formas espaciais e, conseqüentemente, favorecendo acumulação de capital e a manutenção da propriedade privada. Todavia, cabe destacar que as bases materiais não os únicos responsáveis pelas transformações sócioespaciais aqui tratadas, na verdade, elas apenas dão suportes as novas racionalidades e os novos valores globais, estes sim, são os reais responsáveis pelos processos desencadeados.

Sendo assim, pode-se concluir que em virtude das novas influências regionais/globais que, a partir das micro-relações cotidianas, são capazes de alterar, gradativamente, a dinâmica regional. Desarticulando e “desequilibrando” a antiga circulação regional dos capitais, ao mesmo tempo que contribui para a criação dos monopólios e dos subempregos. Inerentes a uma lógica de produção que busca aumentar alienação do trabalhador e precarizar as condições de trabalho. Assim, conclui-se que este processo representa uma estruturação do espaço urbano e regional que, mediante a desarticulação produtiva, torna-se vulnerável a dominação e se projeta como um espaço consumidor, incapaz de reverter as perdas culturais e econômicas.

Referências

ANDRADE, Rita de C. Gregório de. **A Cidade de Coremas-PB: Geografia Histórica de uma Cidade Pequena**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia Urbana**. 2. ed. Trad.: Raquel Soeiro de Brito. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 8. ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2010.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras nordestinas. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 87-101, 2008.

DINIZ, Lincoln da Silva Diniz. **As bodegas da cidade de Campina Grande: dinâmicas sócioespaciais do pequeno comércio**. 2. ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, Maria Teresa Franco. MILANI, Carlos Roberto Sanchez (Orgs.). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MOREIRA, Ruy (Org.). A Geografia serve para desvendar máscaras. In: _____. **Geografia: teoria e crítica – O saber posto em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

PINTAUDI, Silvana Maria. **A cidade e as formas do comércio**. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTOS, Claudio Ressurreição dos. **SHOPPING POPULAR FEIRAGUAI: ESTUDOS SOBRE A PRODUÇÃO DE UM ESPAÇO DE COMÉRCIO EM FEIRA DE SANTANA – BA**. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual de São Paulo, 2016.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A Natureza do Espaço: espaço e técnica, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.